

## EMOJIS E(M) UM OLHAR DISCURSIVO PARA AS INTERAÇÕES

*Marina Santos Soares Pereira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Anderson de Jesus Caires*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Ana Ketilly Manhães Magalhães*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Fernanda de Castro Modl*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos resultados de uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2006; MINAYO, 2012) em curso que se volta ao trabalho com *emojis* como objeto de ensino em aulas de línguas. Reconhecidos como língua franca (PORTER, 2014; PAIVA, 2016) em face a discussões sobre cultura linguística (CANDELIER, 2004) e identidade interacional, apostamos nos *emojis* como polissêmicos exemplares de linguagem para o planejamento de aulas a partir de um tratamento discursivo (inter)(intra)cultural. Valemo-nos de respostas, produzidas por alunos do ensino médio de uma escola do interior baiano, a uma atividade didática por nós elaborada para demonstrarmos a nossa aposta didática de que há uma indiscutível relação entre mostras de si como sujeito de linguagem, o uso de *emojis* em interações cotidianas on-line e uma metaconsciência sobre (re)utilização desses recursos e(m) (d)efeitos de sentidos. Os dados apontam para a força de uma tematização didática mais discursiva dos *emojis* como uma alternativa produtiva para que os sujeitos da pesquisa visualizassem, via gestos de transposição didática, a interface entre linguagem, interação e (re)construção identitária. Ao centralizarmos nossa atenção em exemplares de *emojis*, que condensam uma materialização visual multimodal complexa de gestos e expressões humanas, e seus usos em práticas de linguagem autênticas, pudemos, na interação didática, tematizar sobre os *emojis* como língua franca (PORTER, 2014; PAIVA, 2016) em face a discussões sobre cultura linguística (CANDELIER, 2004) e identidade interacional. Discussões essas caras para a construção e agenciamento de posturas didáticas sempre mais crítico-reflexivas sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

**Palavras-chave:** *Emojis*. Interação. Culturas.

### Introdução

Neste artigo, apresentamos resultados de uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2006; MINAYO, 2012) em curso que se volta ao trabalho com *emojis* como objeto de ensino em aulas de línguas. Reconhecidos como “um padrão para representação digital de caracteres usados para a escrita de todas as línguas” (PAIVA, 2016, p. 384), apostamos nos *emojis* como polissêmicos exemplares de linguagem para o planejamento de aulas a partir de um tratamento discursivo (inter)(intra)cultural. À vista disso, este artigo visa publicizar a pesquisa em andamento, à medida que discorre acerca da interação didática enquanto um dos contextos dialógicos e discursivos legítimos para a formação do sujeito no tangente ao uso da palavra em sociedade (MODL, 2015). Por esse motivo, a noção de palavra é entendida, aqui, enquanto um

recurso basilar do trabalho do professor, uma vez que é por meio dela que se busca integralizar as dimensões didático-discursivas que atuam como mediadoras das relações (socio)interacionais entre o espaço institucional e os sujeitos que nele desempenham suas funções.

Nesse sentido, consoante Modl (2015, p. 123), “a palavra (pensada ou exteriorizada na enunciação) é sempre réplica”, em outros termos, o agenciamento da palavra em sala de aula, isto é, o modo como o professor e os alunos se posicionam enquanto falantes e ouvintes em situações interacionais, prepara os sujeitos para a participação de contextos dialógicos diversificados, além de favorecer uma (re)construção de identidades em uma rede de relações sociais que se efetivam em torno da palavra. Outro aspecto fundamental, é o de que “[...] a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1929, p. 95). A enunciação, portanto, é o momento em que se faz uso da palavra, que está inserida em um tempo histórico, assim como no espaço, englobando mais do que a presença física dos sujeitos envolvidos: a palavra parte de alguém com destino a outro alguém socialmente posicionado no e para o dia a dia interacional.

Em vista disso, partindo do entendimento de que os *emojis* são reconhecidos como língua franca, estes são enunciações exteriorizadas, portanto, são réplicas entre interlocutores, sempre sócio-historicamente posicionados, à medida que coconstroem a interação. Nesse sentido, os *emojis*, eleitos com o status de palavra, fazem emergir uma rede multifacetada carregada de significações diversas que sustentam a interação multimodal, social e didática.

### **O lugar desta pesquisa (qualitativa) na Linguística Aplicada**

De antemão, para que se entenda a temática da pesquisa cujos resultados, aqui, publicizamos, é imperativo esclarecer que enunciamos de uma perspectiva do campo da Linguística Aplicada, doravante LA, cujo propósito se justifica no cumprimento de princípios e estratégias de e para o desenvolvimento de análises teóricas a respeito da língua(gem) para a solução de problemas educacionais e socioculturais dentro ou fora do contexto escolar (CAVALCANTI, 1986/2012), além de tratar da (re)focalização de um olhar mais atento, crítico e intersubjetivo para a sala de aula e para as demandas sociais de utilização da língua situadas nesse contexto institucional. Nesse sentido, a LA se propõe a lidar com a complexidade que compete ao ensino-aprendizagem de línguas, em adição à tentativa de preencher lacunas existentes em esferas locais de convivência de usos situados da língua/linguagem. Desse modo, adotando a linha de pensamento da teórica Kleiman, a LA busca:

(...) respostas para investigações que se ocupam de questões em que a linguagem tem um papel constitutivo nos saberes, nas configurações identitárias e nas relações [...] que formam, conformam, deformam, informam, transformam as realidades que construímos. (KLEIMAN, 2013, p. 43).

Alguns autores como Celani (1992, p. 17) discorreram sobre um momento epistemológico da Linguística Aplicada (LA) como “aplicações da linguagem a qualquer área de interesse prático e aplicações das pesquisas em linguística teórica”. Nesse sentido, temos uma abordagem da LA entendida, em sentido *reduzido*, como ensino e aprendizado de línguas. Posteriormente, agora, mais atual, com uma abordagem considerando a interdisciplinaridade, vemos a LA como “um ramo do saber, que usa não só informações da sociologia, psicologia, antropologia e teoria da informação, mas também da linguística a fim de desenvolver seus próprios modelos teóricos de linguagem e de uso da linguagem” (CELANI, 1992, p. 17). O caráter multimodal dos *emojis* pode ser visto como uma possibilidade para a adequação dessa forma de linguagem a diferentes áreas que possivelmente se ocupem, por exemplo, com a investigação complexa de gestos e expressões humanas. Com um olhar voltado para abordagens e características interdisciplinares da LA, os *emojis* podem ser pensados como um recurso de uso inteiramente subjetivo, com significações semióticas únicas e que, em função disso, criam ressonâncias a cada indivíduo, promovendo usos situados diversos em interações digitais.

Diante disso, é indubitável o olhar linguístico aplicado que reverbera na pesquisa aqui publicizada. Evidenciamos o nosso objeto de pesquisa – o uso de uma linguagem multimodal (os *emojis*) – em uma perspectiva prismática, sob a égide de diferentes campos do conhecimento, que busca investigar e averiguar potencialidades de sua tematização na sala de aula de línguas, tanto como didatização de objeto de ensino, quanto como construção interlocutiva (inter)(intra)cultural.

De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa dispõe de termos estruturantes, a saber: *experiência*, *vivência*, *senso comum* e *ação*; além disso, é preciso *compreender*, *interpretar* e *dialetizar*. *Compreender* corresponde à necessidade de que o investigador se envolva empaticamente, isto é, de que exerça a capacidade de colocar-se no lugar do outro; *interpretar*, no que lhe concerne, parte do pressuposto de que existe compreensão sem interpretação, mas não o contrário, e *dialetizar*, por sua vez, diz respeito ao vozeamento da pesquisa entre acadêmicos na comunidade científica. Assim, quando se pensa em lidar com sujeitos, leva-se em consideração muito mais do que o número de dados obtidos, mas, isto sim, a vivência de cada um sobre o mesmo objeto, fator que “[...] depende de sua personalidade, de sua bibliografia e de sua participação na história” (MINAYO, 2012, p. 622). Essas vivências,

além de se manifestarem na linguagem, constituem o senso comum, concebido como “o chão dos estudos qualitativos” (MINAYO, 2012, p. 622). Segundo Flick (2002), as teorias, na pesquisa qualitativa, são desenvolvidas a partir de estudos empíricos e, interessantemente:

As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2002, p. 22)

Assim, alcançar sujeitos reais e tentar compreendê-los, a partir de suas interpretações e(m) face a seus perfis identitário-interacionais, revela o cunho qualitativo da nossa pesquisa. Aliás, esse contato é promovido por teorias científicas que atuam como norteadoras e facilitadoras da interação pesquisador/sujeito; no entanto, um dos pontos mais evidentes que comprovam esse caráter qualitativo é a presença do (eu)pesquisador(a) em todas as etapas do processo e, também, as aprofundadas sistematizações e técnicas necessárias para a desobvialização do objeto analisado. Isso posto, nas palavras de Flick:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK, 2009, p. 20)

Em vista disso, valemo-nos de respostas, produzidas por alunos do ensino médio de uma escola do interior baiano, a uma atividade didática por nós elaborada para demonstrarmos a nossa aposta didática de que há uma indiscutível relação entre mostras de si como sujeito de linguagem, o uso de *emojis* em interações cotidianas on-line e uma metacsciência sobre (re)utilização desses recursos e(m) (d)efeitos de sentidos.

### **Alinhavos conceituais e o objeto de pesquisa**

Quando falamos em leitura, a primeira reação, em geral, é relacioná-la à leitura de palavras conseqüente à aprendizagem da língua escrita. Todavia, a leitura, como uma prática social instanciada culturalmente, não se encerra na educação formal (PEREIRA, 2018, p. 17), nem é um ato exclusivamente decorrente da aquisição das letras; afinal, a interação humana realiza-se pelo uso de diversas formas de linguagem carregadas de aspectos formais, sociais, históricos e culturais: são nas esferas da atividade humana que o texto se materializa.

Condizente a isso, valemo-nos da definição de gêneros textuais como “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” que

“caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas (MARCUSCHI, 2002, p. 1).

A partir da noção de que os gêneros são concebidos de modo vinculado às demandas e às atividades socioculturais (porque tudo que materializamos em texto é gênero), justifica-se sua grande diversidade de formas, que podem ser mais ou menos maleáveis, mais ou menos passíveis de sofrer alterações. Se os gêneros são enunciados relativamente estáveis, concretos e únicos, que refletem as condições e as finalidades da atividade interlocutiva em questão (BAKHTIN, 1997), então eles englobam não só a verbalidade, oral ou escrita, como também a visualidade.

O signo verbal está submetido a uma disposição linear, temporalizada, organizada de acordo com um sistema prévio, que, quando empregado em uma troca comunicativa, adquire o status de enunciado (FERES, 2013; PEREIRA, 2018). Já a visualidade “é composta por elementos apreendidos pela visão, seja numa experiência direta com o mundo, seja numa relação intermediada por imagens produzidas pelo homem, que representam o mundo, ou seja, pela linguagem visual.” (FERES, 2013, p. 94 *apud* PEREIRA, 2018, p. 40).

A representação visual da comunicação humana, assim como qualquer outra linguagem, sofre transmutações conforme a sociedade se (re)modela. Os *emojis* atestam exatamente isso. Com o avanço tecnológico e a popularização das redes sociais, o ciberespaço se tornou um modo de interação social que transformou e fez surgir novos gêneros textuais com características próprias. A linguagem dos *emojis* constitui(u)-se em interlocuções cibernéticas para alguém (ou em conjunto) da verbalidade. O uso dos *emojis*, portanto, legitimam-se em contextos autênticos de situações comunicativas em redes sociais.

Como já explicitamos, a estreita relação entre os enunciados (o gênero textual) e a vida faz com que os gêneros sejam modificados com o tempo, surgindo novas roupagens: uma delas é a verbo-visualidade. A linguista Brait percebe a dimensão verbo-visual de um enunciado como a “dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, [...] uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente” (BRAIT, 2013, p. 44). Em outras palavras, a construção (de efeitos) de sentido é fruto do trabalho em conjunto da composição verbal e imagética de um texto verbo-visual.

Em relação à leitura, a Análise de Discurso francesa “se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas, incluindo imagem, som, letra” (ORLANDI, 2003, p. 62), e ao adotar o tripé leitura-compreensão-interpretação, partindo da noção de que a interpretação ocorre quando o sujeito posicionado produz uma leitura:

A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. [...] No entanto, a compreensão é muito mais que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem (ORLANDI, 2003, p. 26).

No que tange ao âmbito educacional, há uma demanda nos documentos descritivos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de pautar o ensino de linguagens na produção e recepção de gêneros textuais. Essa exigência pretende garantir que seja levado para a sala de aula o ensino contextualizado de línguas e(m) suas multimodalidades. Isso se expressa na didatização do texto autêntico, que

refere-se aos textos (orais, escritos, visuais) que os falantes de uma determinada língua utilizam para se expressar e se comunicar uns com os outros; consistem em materiais que veiculam os aspectos sócio-histórico-culturais de uma comunidade linguística e que podem ser um instrumento valioso no processo de ensino-aprendizagem [...]. (VIEIRA, 2012, p. 14 *apud* ANDRADE e SILVA, 2017, p. 18)

Nesse sentido, ao destacarmos a característica polissêmica dos *emojis* como objeto de ensino, buscamos evidenciar e co-construir, na interação didática, a *compreensão* do funcionamento dessa linguagem em situações autênticas de uso.

### **A Linguagem dos *Emojis***

Consoante Paiva (2016), a língua, como todo sistema complexo, está em constante processo de transformação, adaptação e mudança, sobretudo na esfera das tecnologias digitais. Nessa perspectiva, a autora frisa que as representações por figuras e símbolos fazem parte da comunicação humana desde a pré-história, de modo que, com o passar do tempo, emergem novos signos figurativos (pictograma, logograma e ideograma) que visam representar objetos, palavras, ideias e conceito abstratos, ao passo que tornam evidente a relação de influências que a tecnologia exerce sobre a língua(gem). Assim, com o advento da internet, surgem os *emoticons* que, conforme Paiva (2016), “são representações tipográficas de expressões faciais” que se manifestam enquanto “marcas de uma cultura digital, ou de uma cultura em uma realidade virtual” (ARAÚJO e BIASI-RODRIGUES, 2007, p. 85 *apud* PAIVA, 2016, p. 384).

Consequentemente, o grupo Unicode, que “gerencia a codificação para que as imagens possam ser lidas por várias linguagens globais e, assim, possam circular rapidamente pela Internet sem se perderem na tradução” (PAIVA, 2016, p. 384), gerou os *emojis*, isto é, figuras para equivaler às emoções em um padrão para representação digital de caracteres usados para a escrita de/em todas as línguas. Em outras palavras, os *emojis* estão ligados à expressão emotiva, bem como à identificação do ato de fala prevalente na troca comunicativa em ambiente virtual.

Nessa direção, Paiva (2016) conceitua os *emojis* como uma rede complexa de sentidos, e defende que a força comunicativa desses polissêmicos exemplares de linguagem existe pela razão de eles estarem associados aos elementos interpessoais da linguagem. Desse modo, partindo do entendimento de que a língua é um sistema adaptativo complexo, as práticas sociais de linguagem também acontecem de forma complexa, e isso se dá, sobretudo, devido à (inter)relação dos vários agentes e dos modos de produção de sentido que medeiam essas práticas. Por tudo isso, Paiva (2016) assevera que os *emojis* se revelam enquanto instrumento legítimo de comunicação, posto que estes são gêneros digitais que contribuem, sem dúvidas, para a enunciação e para a construção de uma rede complexa de sentidos.

Assim, o movimento argumentativo da pesquisa aqui publicizada busca investigar os *emojis* enquanto polissêmicos exemplares de linguagem para o planejamento de aulas de línguas, a partir de um tratamento discursivo (inter)(intra)cultural de seus (des)usos em diversas práticas sociais contemporâneas, além estabelecer uma relação entre língua, linguagem, interação, construção e reconstrução identitária e (a)mostras de si como sujeitos de linguagem, a partir do enlace texto, cultura(s), atividade social, sujeito(s) e interpretação.

### **Princípios da Análise de Discurso**

Orlandi (2003) propõe uma reflexão acerca da linguagem, do sujeito, da história e da ideologia à medida que discorre sobre o fato de que a Análise de Discurso, doravante AD, não trata da língua, tampouco da Gramática, embora tenha interesse por ambas, mas do discurso, que é definido pela linguista enquanto o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Assim, a AD se estabelece como uma disciplina de entremeio, que se materializa entre a linguística e as ciências sociais, e consiste no estudo e na compreensão das relações de interação estabelecidas entre o sujeito e o contexto sócio-histórico-ideológico. Nas palavras da autora, “a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2003, p.26).

Nessa perspectiva, a autora discute sobre a noção de ideologia e da transparência da linguagem, compreendendo a ideologia não como ocultação de sentidos, mas sim como o apagamento do processo de constituição do sujeito e dos sentidos. Sobre a linguagem, a linguista brasileira assevera que:

Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise de Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, 2003, p.25).

Desse modo, sendo a língua entendida enquanto lugar de interação, a linguagem, sob uma perspectiva do discurso, é produto da interação entre sujeitos socialmente, historicamente e ideologicamente construídos. Assim, no prisma discursivo, o sujeito da linguagem não é a origem dos sentidos, uma vez que todo enunciado atravessa e é atravessado por outros dizeres, o sujeito, então, é socialmente interpelado pela ideologia, isso significa que não há ideologia sem sujeito, nem o contrário. Além disso, a linguista ressalta que a historicidade do sujeito é reflexo da sociedade atual em que este está presente e, conseqüentemente, é um sujeito livre e submisso, ou seja, “é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 2003, p. 50). Ora, o assujeitamento, portanto, tem uma forma histórica que depende da conjuntura da época em que se encontra. Sendo assim, a “relação do sujeito com a exterioridade não é direta, nem de causa e efeito, e passa pelo jogo das formações imaginárias relativas às condições de produção do dizer” (ORLANDI, 2007, p.1).

Nessa perspectiva, é necessário ressaltar que os princípios teórico-analíticos da AD possibilitam, de forma efetiva, que os sujeitos se situem melhor no confronto com a linguagem e, por ela, com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos e com a história. (ORLANDI, 2003).

Isso posto, acreditamos e defendemos que é possível propor uma aprendizagem (inter)(intra)cultural, construtiva e significativa para aulas de línguas a partir de um tratamento discursivo dos *emojis*, uma vez que esta linguagem multimodal, amparada pela verbo-visualidade, vêm ganhando espaço no pluralismo linguístico diante do cenário de novas tecnologias e gêneros discursivos. Assim, apostamos na polissemia dos *emojis* não somente como ferramenta potencial para a construção de sentido por parte do sujeito aluno quando este for instigado a falar, pensar ou inferir novas concepções de conhecimento e abordagem relacionadas à língua/linguagem, mas também para a educação efetiva de modo geral.



## A abordagem (inter)(intra)cultural

A cultura ainda é referenciada no singular por muitas pessoas. A cultura tem sido posta no centro de tudo e tem sido relacionada, principalmente, à “falta de tudo” (VEIGA NETO, 2003). Nesse sentido, Hall (1997) afirma que:

Em qualquer caso, parece crescer a centralidade da cultura para pensar o mundo. Mas tal centralidade não significa necessariamente tomar a cultura como uma instância epistemologicamente superior às demais instâncias sociais – como a política, a econômica, a educacional; significa, sim, tomá-la como atravessando tudo aquilo que é do social. Assim, assiste-se hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos. (HALL, p. 5-6 *apud* VEIGA-NETO, 1997)

Com uma abordagem mais direcionada à língua, Modl, Biavati e Leurquin (2020) afirmam que a interculturalidade é um movimento em que duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica.

Nesse sentido, é válido destacar que a abordagem (inter)(intra)cultural está fortemente ligada à noção territorial. Aqui, entendemos que os contatos com diferentes comunidades e/ou grupos, contribuem para o surgimento de novas experiências advindas de diferentes interações. Ademais, é importante ressaltar que essa definição de culturalidade ligada à territorialidade não se restringe somente a isso, assim como posto pelas autoras: “se traduz, pois, à absorção e ressignificação do conjunto simbólico de regularidades e de regras compartilhadas entre participantes de instituições que resvalam nas práticas interacionais e nas relações efetivadas a partir do exercício ainda que fluido do poder.” (MODL; BIAVATI & LEURQUIN, 2020, p. 8)

Traçando uma rápida associação entre a ideia de *emojis*, como um recurso polissêmico, e o rompimento da ideia de território, é possível perceber algumas disparidades quando pensamos no fator interpretativo. O rompimento do fator interpretativo-território é uma amostra de como há diversas interpretações para um item perante diferentes públicos e, quando nos referimos aos *emojis*, queremos mostrar que há de fato uma liberdade interpretativa. Por exemplo, julguemos que um *emoji* tenha sido criado para corresponder a uma única mensagem (o *emoji high-five* 🙌 – mãos de duas pessoas diferentes que se tocam em um cumprimento), e essa mensagem é interpretada com unanimidade em uma cultura ou mesmo em diferentes grupos culturais de/em um mesmo território. Se analisarmos um pouco da recepção

interpretativa em outra cultura, vemos que há mais possibilidades de uso para esse *emoji* específico (🙏- mãos juntas simbolizando prece/oração/Namastê ou um agradecimento), mostrando, portanto, que a polissemia é um quesito muito importante, quando estamos pensando em recurso interpretativo.

## Resultados e Discussões

Com uma tentativa de mapear alguns pontos considerando o caráter polissêmico dos *emojis*, foi elaborada uma atividade em que nós convidamos os sujeitos da pesquisa para nomear/classificar alguns *emojis* apresentados, bem como avaliar o próprio uso. Com esse movimento, foi possível visualizar aspectos inerentes à polissemia, já que os resultados mostram diferentes significados para diferentes sujeitos, o que possibilita uma maior possibilidade de usos em diferentes contextos e situações de interação online, vejamos:

Emoji 3 - EM UMA ÚNICA PALAVRA

7 respostas

Maluquice

Confusão

Confuso.

Doidinho

Zoação

Irônico

Enjoado



Assim como o pontuado por Paiva (2016), os *emojis* equivalem às emoções em um ambiente digital (2016, p. 384), considerando o fator interpretativo e o de contexto de uso, conclui-se que o sujeito, aquele que interpreta, realiza, a partir da sua leitura do imagético, correspondências referenciais entre o *emoji* e o léxico que tem disponível para dizer o que vê.

Vejamos mais algumas respostas de nossos sujeitos da pesquisa, alunos do ensino médio de uma escola do interior baiano:

Para que mesmo você (não)usa emojis, companheiro(a)?

7 respostas

Para negar algo.

Completar o sentido da frase dita anteriormente.

Para conversas em Whatsapp.

Para mim, emojis são como uma extensão das minhas próprias expressões faciais no texto escrito informal. Num contexto em que somos levados a sempre dar respostas rápidas, e a maioria delas com o uso de plataformas digitais, os emojis facilitam essa comunicação, aproximando-as, ao meu ver, um pouco mais da realidade.

Para expressar minhas emoções

Resumir um sentimento que não seja expresso em palavras.

Para que não haja uma interpretação errada de alguma mensagem minha.

Alinhando-nos ao princípio de que “[...] é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação” (ORLANDI, 2007, p.13). Em outras palavras, se o sujeito age, reage e interage através da linguagem e a partir do contexto sócio-histórico-ideológico no qual está inserido, as respostas demonstram o modo como os diferentes sujeitos significam o uso dos *emojis*, justificando, assim, a força polissêmica deles.

As respostas materializam ainda representações diversas, o que acaba nos oferecendo um mapeamento de usos distintos dos *emojis* em interações cotidianas online.

Diante disso, vemos que a subjetividade interpretativa é decisiva e nuclear para o entendimento do uso dos *emojis*. Dessa forma, cada indivíduo busca sua própria forma de ressignificar os usos em suas interações digitais/online, adequando-as a diferentes situações interacionais.

Como as respostas confirmam, nas interações cibernéticas, o uso dos *emojis* pode adicionar, complementar, redimensionar, ressignificar o efeito de sentido do enunciado verbal. Ou seja, a leitura dos elementos visuais – ou melhor, a leitura das representações de expressões faciais e de gestos vai articular-se com a leitura dos elementos verbais e produzir/construir o(s) sentido(s).

Em vista disso, é fundamental tematizar, em interações didáticas, os aspectos que costumam ser negligenciados no tangente aos usos e desusos automatizados dos *emojis*, posto que eles são, muitas vezes, atravessados por uma certa inconsciência e, além disso, mostram a produção de sentidos e interpretações diversas, em adição à relação entre sujeito e sentido.

### **Considerações Finais**

Ao centralizarmos nossa atenção em exemplares de *emojis*, que condensam uma materialização visual multimodal complexa de gestos e expressões humanas, e seus usos em práticas de linguagem autênticas, pudemos, na interação didática, tematizar sobre os *emojis* como língua franca (Porter, 2014; Paiva, 2016) em face a discussões sobre cultura linguística (Candelier, 2004) e identidade interacional. Discussões essas caras para a construção e agenciamento de posturas didáticas sempre mais crítico-reflexivas sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

Desse modo, a partir das discussões teóricas e de nossos achados parciais, apostamos na produtividade da ampliação do nosso olhar docente para o trabalho didático dos *emojis* como um recurso de linguagem complexo e, tematicamente, denso. Sendo assim, esse olhar mais metaconsciente que buscamos coconstruir na interação didática emerge como uma contribuição para lidarmos de modo menos intuitivo com questões cognitivas que perfazem os nossos modos de ver, dizer e referenciar o mundo.

Nossos resultados apontam para a força de uma tematização didática mais discursiva dos *emojis* como uma alternativa produtiva para que os sujeitos da pesquisa visualizem a interface entre língua, linguagem, interação e (re)construção identitária. Essas discussões são caras para o agenciamento de posturas didáticas sempre mais crítico-reflexivas sobre o ensino-aprendizagem de línguas e estão alinhadas com competências prescritas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016).

### **Referências**

ANDRADE e SILVA, Mariana Kuntz de. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 20, n. 30, p. 1-29, jul./ago. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-287.

BRAIT, Beth. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. São Paulo, vol. 8, n. 2, jul./dez. 2013, p. 43-66.

CAVALCANTI, M. C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 7, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>. Acesso em: 17 mar. 2021.

FLICK, Uwe. A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. In: FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 1ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002, p. 17-29.

KLEIMAN, A. B. A. A agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. No prelo. 16 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod\\_resource/content/3/Art\\_Marcuschi\\_G%C3%AAneros\\_textuais\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_funcionalidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. Capítulo 1: Os estudos sobre o ensino de português. In: MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. **Estudo da língua falada e aula de língua**: Uma abordagem processual da interação professor/alunos. Parábola Editorial: Campinas, SP. 1999, p. 18-34.

MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. Capítulo 2: As interações em língua materna: objeto de estudo e de ensino. In: MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. **Estudo da língua falada e aula de língua**: Uma abordagem processual da interação professor/alunos. Parábola Editorial: Campinas, SP. 1999, p. 35-60.

MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. Capítulo 3: Por uma tipologia da interação em sala de aula. In: MEIRELLES MATENCIO, Maria de Lourdes. **Estudo da língua falada e aula de língua**: Uma abordagem processual da interação professor/alunos. Parábola Editorial: Campinas, SP. 1999, p. 61-80.

MODL, Fernanda de Castro; BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes. Cultura escolar e desnaturalização do olhar: a vinheta narrativa e(m) suas contribuições para um contraponto intercultural **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista v. 8, n. 2 jul./dez. 2016, p. 99-125.

ORLANDI, E. P. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. **Revista eletrônica de Jornalismo científico: Com Ciência – SBPC/Labjor**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 23 março 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A Linguagem dos Emojis. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2016, vol.55, n.2, p. 379-401.

PASCHOAL, M. S. Z. & CELANI, M. A. A. (Org). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: Edu, 1992, p. 15-23)

PEREIRA, Mirian Alves. **Atualização de princípios da Análise do Discurso Francesa e(m) textos verbo-visuais**: questões para o trabalho do professor de didatização da leitura no Ensino Médio. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL), Vitória da Conquista, 2018, p. 17-51.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, v. 16, n. 32-33, 2002.

SILVA, Dagmar Vieira Nogueira, BARBOSA, Vanderlis Legramante; GOMES, Nataniel dos Santos. Observações sobre o texto e o sentido na era dos emojis. In: **Revista Philologus**, ano 23, n. 69. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2017, p. 1172-1177.

SIQUEIRA, D. S. P. Diversidade, ensino e linguagem: que desafios e compromissos aguardam o profissional de letras contemporâneo? **Línguas & Letras**, vol. 13, Nº 24, 1º semestre 2012, p. 35-66.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, número 23, jan.-abri. 2003. p. 5-15.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

**Marina Santos Soares Pereira**

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); integrante do Grupo de Pesquisa A palavra na sala de aula: discursos e recursos para a formação docente e bolsista de Iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). E-mail: [soarespereira.nina@gmail.com](mailto:soarespereira.nina@gmail.com)

**Anderson de Jesus Caires**

Graduando do curso de Licenciatura em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); integrante do Grupo de Pesquisa A palavra na sala de aula: discursos e recursos para a formação docente e bolsista de Iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: [andersoncaires82@gmail.com](mailto:andersoncaires82@gmail.com)

**Ana Ketilly Manhães Magalhães**

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); integrante do Grupo de Pesquisa A palavra na sala de aula: discursos e recursos para a formação docente e bolsista do Programa Institucional de Residência Pedagógica (CAPES). E-mail: [anna.ketilly@gmail.com](mailto:anna.ketilly@gmail.com)

**Fernanda de Castro Modl**

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS) e Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pertencente ao quadro permanente de docentes do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), AMPE - Área de Metodologia e Prática de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da referida instituição, atuando na linha Linguística Aplicada: Culturas, Educação e Linguagens. Coordenadora do projeto A palavra na sala de aula: discursos e recursos para a formação docente (PPG-UESB) vinculado ao LabCulTLet (Laboratório de Culturas, Trabalho e Letramento do professor)-UESB-CNPQ. Coordenadora do LaGaTT (Laboratório de Garimpo Textual e Trabalho do professor de línguas) - PROEX-UESB subprojeto PIBID CAPES UESB Letras Modernas e Letras Vernáculas campus Vitória da Conquista. E-mail: [fernanda.modl@uesb.edu.br](mailto:fernanda.modl@uesb.edu.br)